

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO—*Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 300 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 300 » Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 1200 » Numero avulso..... 50 »	N.º 27 Março de 1887	Toda a correspondencia deve ser dirigida a Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## QUESTÕES SOCIAES

XIII

E eis-nos chegados ao Messias do socialismo, ao romanescos e sympathico Lassalle, adoravel espirito e generoso coração que é ainda hoje, volvidos vinte e tres annos depois da sua morte, alvo de um culto ardentissimo e sincero.

Dotado de todas as qualidades precisas para um dominador, Lassalle agitou a Alemanha inteira, e prendeu pela fascinação e pela eloquencia quantos o ouviram ou o conheceram.

Encantando as mulheres, creando discipulos e enthusiasmando as multidões, modernamente só talvez se lhe possa comparar Henri George na America, quanto ao prestigio exercido.

A sua vida é um romance cortado de aventuras galantes, e chega a parecer estranho que n'um mesmo cerebro se reunissem e harmonisassem as mais enconradas tendencias.

Coincidencia curiosa que Laveleye faz notar, Lassalle é, como Karl Marx, de origem hebraica, e são israelitas quasi todos os iniciadores ou propagadores do socialismo, pois que «sendo este um protesto energico contra a ordem actual baseada sobre a iniquidade, coincide com o proprio fundo do judaismo, como se vê em Job e nos Prophetas, e finalmente em toda a aspiração messianica de onde saiu o christianismo».

Isto explica a mysteriosa tendencia que, por assim dizer, impelle para as tentativas de reorganisação social espiritos que, segundo a lei em que nasceram, acreditam ser na terra que se precisa realisar o reino da justica, e explica, portanto, as idéas de Lassalle.

Demais, a este de muito cedo o enthusiasmaram os estudos economicos, pois que, como elle mesmo o diz, desde os doze annos, ferira-o o facto de ver sua mãe e sua irmã comprarem por miudo, nos estabelecimentos, os proprios tecidos que seu pae vendia por atacado.

Na universidade, onde o consideraram das mais notaveis estudantes, enthusiasmou-se por Fichte e por Hegel, e ahí foi elle buscar a erudição que tanto havia de servir-lhe depois; sendo, porém, citado desde logo por homens como Heine, e como Humboldt,

que lhe chamava o prodigio (*das Wunderkind*) e que o recommendava até aos seus confrades do Instituto de Franca, por occasião da segunda viagem de Lassalle a Paris, onde já havia estado.

Effectivamente, Lassalle justificava o epitheto, porque de poucos se poderia dizer com mais fundamento o que de si proprio elle dizia: «para cada linha que escrevo estou armado com toda a sciencia do meu tempo»; e os trabalhos esparsos que deixou em varios ramos mostram de quanto teria sido capaz, se a vida tempestuosa que levou não lh'o houvesse impedido.

Por desgraça, Lassalle era mais um homem de coração que um homem de cerebro, e por isso o coração que o guiava e que acabou por mata-lo, não lhe consentia uma demorada contensão de espirito, precisa para proseguir e completar obras de largo folego scientifico, e exigindo uma constante frieza de raciocinios, que estavam fóra do seu organismo, naturalmente impressionavel, profundamente vibratil e sobretudo apaixonado. E até curiosa e romanescas a aventura da sua morte, originada por uma questão de amores contrariados.

Lassalle, habituado á quasi adoração de todas as mulheres, mesmo as mais eminentes, que com elle privassem, enamorára-se da filha de um diplomata bavar, Helena de Doenniges, que em tempo havia já encontrado em Berlim, e que acompanhava uma senhora ingleza que o visitára em Rigi-Kaltbad.

Novo, elegante, de uma pallidez distincta, o olhar scintillante e negro, e sobretudo com uma conversação primorosa e atrahente, que attingia a eloquencia mais viva quando se exaltava, Lassalle reunia todas as condições para agradar ás mulheres, o que realmente succedia, tanto mais que elle de fóma alguma as detestava...

Agradou, portanto, a Helena, que alem d'isso tinha para elle o supremo encanto de ser romanescas, e por isso, depois de uma nova entrevista em Wabern, proximo da Belgica, juraram ambos pertencer-se um ao outro, apesar de todos os obstaculos.

Infelizmente, o pae de me<sup>lle</sup> Doenniges, diplomata bavar a quem de certo não podia sorrir a idéa de ter por genro um socialista tão exaltado, encolerisou-se no mais alto grau com este projectado consorcio, e chegou mesmo a maldizer a filha, acrescentando ainda que nunca permitiria tal união.

Helena, desesperada, chegou a fugir, indo entregar-se a Lassalle; este, porém, que queria proceder como gentil-homem, reconduziu-a judiciosamente para a casa paterna; mas, como ao que parece, o juízo não é nestas condições a qualidade que as mulheres mais apreciam, m<sup>lle</sup> Doenniges ficou desiludida e *esfriou*.

Ao mesmo tempo, ás consequências do cavalheirismo de Lassalle vieram juntar-se ás instancias e ás supplicas de toda a familia de Helena, que a final conseguiu levar-a de Genova «desesperada mas resignada».

Lassalle não contava, porém, com essa resolução subitanea, e ferido no seu amor proprio de homem, vivamente adorado por mulheres tão eminentes como a condessa de Hatzfeld, sua confidente e sua amiga, e outras, não perdoou esta injúria que o feria no mais vivo da sua alma.

Attribuindo ao pae de Helena esse resfriamento e a quebra de promessas que considerava sagradas, tentou por todos os meios liberal-a, empenhando ao mesmo tempo todas as influencias—e tinha-as poderosas—para conseguir demover m<sup>lle</sup> Doenniges do seu proposito.

A condessa de Hatzfeld chegou até a pedir ao arcebispo de Mogúncia a sua valiosa intervenção, e o arcebispo, monsenhor Ketteler, teve mesmo um dito engraçado a proposito de Lassalle, de quem aliás fez os mais rasgados e calorosos elogios; ao pedido da condessa obtemperou como poderia um arcebispo favorecer a união de uma catholica com um israelita, a não ser que ao menos elle se convertesse...

Já era tarde, porém. M<sup>lle</sup> Doenniges, *vençada* e obedecendo a uma verdadeira violencia moral, segundo ella mesma escreveu nas suas memorias, decidiu-se bruscamente a desposar, depois de curta demora, o barão Janko von Racowitza, joven boíar valaqui, e annunciou-o a Lassalle de seu proprio pino.

Calcule-se o furor d'este, furor que trasbordava em cartas, telegrammas, viagens, expedientes, projectos e que, se se houvesse prolongado por mais tempo, mataria esse pobre coração demasiado vibratil para supportar sem perigo embates d'estes. Infelizmente se o coração não o matou desde logo, preparou-lhe a morte, porque se bateu e expirou por elle.

Tendo alcançado uma carta do ministro dos negocios estrangeiros da Baviera, com a qual esperava obter de M. Doenniges uma entrevista com Helena, por estar convencido que esta não resistiria á sua eloquencia sobreexcitada e em tal momento duplamente fascinadora, nada conseguiu, porque ella não quiz apparecer-lhe, e depois, quando elle pedia uma satisfação a M. Doenniges, foi o noivo de Helena, Racowitza, quem respondeu á provocação, resolvendo ambos baterem-se, visto que Lassalle se recusou a restituir as cartas que possuia de Helena.

Realizado o duello, Lassalle foi ferido mortalmente logo ao primeiro fogo, expirando no hotel Victoria, em Genova, tres dias depois.

A condessa de Hatzfeld acompanhou para a Allemanha o corpo do infeliz amante, e essa viagem funebre foi um verdadeiro acontecimento. Quando o cadaver passava em Mogúncia, organisou-se, por iniciativa do clero catholico, uma cerimonia imponente, e por ultimo a policia, para impedir as mani-

festações do partido socialista na Allemanha inteira, teve em Colonia de se apoderar do caixão, e, em nome da familia, conduziu-o para o cemiterio israelita de Breslau.

Em todas as cidades se fizeram, porém, ceremonias funebres, apresentando-o as associações operarias como um martyr e como um santo do socialismo, e a impressão foi tão profunda que alguns acreditaram que Lassalle não morrerá, e que voltaria ainda envolvido em gloria, a presidir á *grande revolução* e á reorganisação da sociedade.

Era a lenda a formar-se em volta de um heroe querido, e que tantos elementos reunia para satisfazer essa ancia de mysterioso e de ideal que eternamente agita a alma das multidões...

Constituiu-se, pois, um partido lassallista que se tem conservado, e que apesar de todos os esforços nunca se fundiu inteiramente com o socialismo internacional de Karl Marx; e, hoje ainda, a curiosa e romanesca figura de Fernando Lassalle tem para os seus crentes mais do que o doce mas inoffensivo encanto de uma memoria querida, porque tem o valor de um protesto sempre vivo e de uma prophécia sempre alerta.

Quanto ás idéas d'este illustre e sympathico agitador, no proximo artigo as reproduziremos.

AFONSO VARGAS.

#### Scenas da vida academica

### PEPITA

(Esboço do natural)

Continuado

O Sousa estava contente, tornava-se franco, e o Medeiros ria. Lá ao longe a brasileira, cheia, alta, os olhos castanhos a brilharem na alvura do pó d'arroz, conversava indolentemente, sentada n'uma cadeira, sentada, as barbas, ouvindo attento o doutor Cunha cobiava, sentado, as barbas, ouvindo attento um sujeito que lhe fallava de pé, gesticulando forte.

A gente que enchia o meio da sala afastou-se então a deixar passar o ar. O piano tocava uma valsa. A sala encheu-se depressa do barulho arrastado dos pés.

A Emilinha agora era obrigada a parar. Mas n'um momento querendo correr p'ra porta, quebrou o balanço compassado d'um par, elle riu-se pedindo meigamente desculpa, e o par pirritou a equilibrar-se.

Entrava então a Beatriz Coelho.

O Medeiros, que se sentára, murmurou ao Sousa.

— Olha... a D. Beatriz.

A Beatriz Coelho era uma menina muito conhecida. O pae era capitalista.—A mãe tinha sido costureira. E os dois uniam-se agora no desejo de formar a filha em medicina. E a D. Beatriz, ostentando sempre pomposas *toilettes*, e pintando-se soberbamente, tirava retratos exquisitos, perfis que gargalhavam de dentes arreganhados, posições exaticas, os olhos e as mãos agarrando nervosamente o espaldar alcatifado d'uma cadeira; n'outros sentada affectadamente, tomando um ar pensativo, o dedo afilado a amolgar a face, e outro braço caído, embañhando desleixadamente um folho do vestido.

Mas o que sobretudo a tornava tão conhecida eram os elogios dos jornaes á sua intelligencia:

«Fez hontem um bello, exame de...» a sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Coelho, conhecida *estudanta*, e intelligente menina—Possue D. Beatriz dotes intellectuaes promettedores... E peroravam invariavelmente: «Os nossos parabens aos seus ex.<sup>mas</sup> paes o sr. Paulo Coelho e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria de Telles Coelho.»

E quando no anno findo ella terminára os preparatorios todos, os jornaes espalharam nervosamente a noticia. Mas aquella que consagrou, em artigo de fundo, columna e meia á biographia academica da D. Beatriz foi o *Jornal do Correio*. O redactor principal devia algumas libras ao pae, e escrevera elle mesmo o artigo.

Um esplendido artigo! Começava brilhantemente estudando profundamente o meio em que vivia D. Beatriz.

«Lisboa, a cidade de granito de Herculano, esse jardim á beira mar plantado de Thomaz Ribeiro, possui entre as flores mais formosas da sua elite, uma intelligente e formosa dama.

«Devem comprehender que fallámos de D. Beatriz...»

O titulo do artigo, era: D. Beatriz Coelho.

«São indiscutivelmente um triumpho essas provas publicas e brilhantes dadas pela filha do nosso amigo...»

Quando tinha que fallar no pae era «o seu sabio e trabalhador pae», «o nosso intimo, prezado e prestado amigo».

Tinha periodos empolados, de tons propheticos:

«E esse vulto formoso de mulher, irradiará um dia do verde glauco da esperança, ostentando n'uma apothose feminil e original, o symbolo lindo d'uma serpente, enroscando os seus anneis scintillantes ao espique gigante d'uma palmeira.»

Foi então que a D. Beatriz alcançou muita popularidade, e todos os jornaes de Lisboa transcreveram periodos do artigo, considerado uma maravilha. O jornalista foi felicitado, e o pae «o sabio e trabalhador» Paulo Coelho, reduziu-lhe generosamente a divida.

Mas a D. Beatriz entrava agora pelo braço de Emilinha, ricamente vestida de seda branca. Comprimentava todos. Dois sujeitos mesmo foram respeitosa e apertar-lhe a mão. E ella abanando languidamente a cabeça, sorria a comprimentar.

O piano parára. Um grupo de senhoras rodeou pressuroso D. Beatriz. E homens discutiam com olhares indiscretos a impressão das suas fórmas. O pae mesmo, na influencia dos doctes physicos da filha, confessava ingenuamente que a sua Beatriz viria a ser — uma boa mulher —.

O Sousa e o Medeiros passaram de novo.

Um typo esguio, de monoculo entalado e voz maviosa, fazia propaganda d'um *cotillon* final marcado pela espirituosa D. Beatriz.

E no momento em que o Medeiros passava defronte de D. Beatriz a figura obesa do doutor appareceu apurando na gravidade d'uma commenda pequena que lhe pedia da lapella. Dando de frente com o Medeiros fez-se levemente livido, mas veio depressa comprimentar o filho do seu velho amigo Medeiros.

O Sousa reparou que elle cheirava forte a almiscar. Mas o doutor passára adiante, amavel, comprimentando muito.

A Emilinha corria sempre.

Ao pé do piano um typo de casaca afinava entusiasmado um violoncello.

Amadores rodeavam de perto o piano, sorrindo do exito.

A D. Beatriz tregeitava exageradamente, fallando rodeada de admiradores. E o doutor ia comprimentando sempre, radiando n'um sorriso enorme a sua cara larga quando fallava com senhoras. O Medeiros então lembrou-se d'aquelle estrado alto do café, onde Pepita dansaria cansada a essas horas. Depois entreviu o quarto reles da rua do Arsenal, fazendo um comico confronto com aquella sala amplamente illuminada.

E de facto a essas horas Pepita, esfogueda, esfalfada mesmo, acabava de dançar. Era uma hora. Pouco a pouco, devagar, como tinham entrado, os freguezes saíam. Alguns fallavam alto na animação da ceia bem libada, outros cambaleavam agarrando com apalhões toscos as cinturas das *camareras*. A um canto, estendido quasi sobre uma mesa, Juanito, o filho de Lopez, dormia. Então, abafando-se n'um chailo grosso, Pepita foi acordar o irmão e partiram todos. A rua do Arsenal ficava perto. Um frio de inverno atravessava massador os chailles.

Em cima na agua-furtada foi preciso accender um candieiro. Na parede do quarto pequeno de Pepita negregavam letras enormes riscadas no estuque, uma corda atravessava o quarto com roupa pendurada, o leito de ferro sem brilho escancarava a cama, de coberta vermelha. A um canto amontoava-se uma porção de trapos negros, e um cheiro a podre infectava a atmosphera. Na janella de esconço dois vidros partidos tinham sido substituidos por papel, e por uma greta entreaberta escapava-se um ar humido da terra molhada do telhado.

Ao deitar-se Pepita dormitava já. O pequeno atirára-se mesmo vestido p'ra cima da cama. E do quarto ao lado o Lopez berrava zangado na sua atiralhada lingua.

Quando o candieiro se apagou a um sópro uma fumarada negra espalhou um cheiro nauseabundo de petroleo mal queimado. No telhado um gato miava forte. Da rua chegava fraco o som das carroças dos varredores. E um bebado de voz rouca dava vivas á republica.

(Continúa)

ARNALDO FONSECA.

## A CAIXA LOGO-TIPO

(Continuada)

No nosso tempo muitos sistemas de escripta-apressada têm sido empregados, entre os quaes a estenographia occupou o primeiro logar. Aqui encontrámos nós, não só signaes de sons, mas tambem de palavras. Que na escripta-apressada (ou estenographia) os signaes de escripta devem experimentar um grande augmento está subentendido, pois assignal-a um rapido passo, tendo por alvo vantagens compensadoras da grande fadiga que demanda o exercicio d'estes signaes de escripta. Eu tenho mostrado com isto que a descoberta da escripta por letras removeu os até ali usados signaes de sons, idéas e palavras, e começou a formação dos sons por meio de simples letras. Este variado emprego e mobilidade das letras mostrou o caminho da invenção da imprensa ao seu immortal inventor. Mas n'isso tem a sua base a demorada maneira da collocação da composição do typo, porque em logar de pôr nas mãos do compositor os sons de uma lingua, elle deve primeiro formal-os por meio de simples letras como o escriptor. Está reconhecido que a actual maneira de escrever pôde ser substituida com vantagem nos casos urgentes pela estenographia (ou escripta-rápida), apesar da riqueza dos seus signaes: assim podia eu com direito empregar um meio semelhante para conseguir a rapida collocação da composição do typo (ou talvez a rapida composição da phrase do typo). Com este fim emprehendi uma divisão da palavra debaixo de uma base puramente philologica. Tomei a palavra como um corpo divisivel, não só em letras, mas tambem em membros (ou agrupamentos), e conservei o typo actual como base de todos os seus principios technicos. Verdade é que apenas podia considerar os substantivos de duas ou tres, e ás vezes os de quatro letras, assim como os termos mais vulgares da lingua para poder manter a entoação das particulas das palavras como no fallar, podendo isto ao mesmo tempo servir de guia ao compositor.

Para membros (agrupamentos) compostos de mais de quatro letras, aliás raros, empreguei grupos de extensão segundo o caracter da lingua, e para casos extraordinarios conservei as simples letras como partes de extensão ou de ligação. Mas mesmo empregando as simples letras deve o desejo de pressa conseguir uma expressão, e melhor ainda pelo emprego d'ellas na composição cheia; isto consegui eu reunindo os espaços interiores com as letras pequenas, fundidas para esse fim.

Com relação á quantidade, pelo desmembramento ou divisão da lingua alemã, dos estabelecidos membros (partes ou agrupamentos) da palavra, devo ainda declarar que a lingua alemã, depois que foi elevada pela traducção da biblia de Luthero ao dialecto allemão litterario de alto estylo, já experimentou um augmento no alphabeto, que anteriormente usavam os allemães nas escriptas runicas. A isto associou-se a circumstancia de que a lingua alemã não tinha até ali mostrado nenhuma identidade de orthographia. Tambem entrou o necessario augmento das partes da lingua, que nas mesmas palavras, que se escreviam com letras minusculas, dadas certas cir-

eumstancias se devem escrever com letras maiusculas.

Este uso das letras maisculas, *que em nenhuma outra lingua se dá em tão larga escala*, trouxe principalmente o augmento dos membros do typo, difficultou o estudo profundo da lingua allemã, e obistou á prompta divulgação pelos outros povos em palavra e escripta. Eu devia ter em conta estas circumstancias, e pelo menos considerar os mais triviaes como os versaletes; mas não posso deixar de fazer a observação, de que se crearia aqui um remedio, observadas as vantagens da typographia, no interesse da divulgação da lingua allemã, e na simplificação da sua escripta. A Inglaterra deve em parte a sua riqueza á simplicidade e prompta divulgação da sua lingua e escripta. A lingua ingleza não padece de excesso de accentos, nem de grande quantidade de compridas palavras, e n'isso consiste a razão principal da sua prompta divulgação.

Os inveterados prejuizos da escripta allemã, exigidos na maior parte pela mania de embelezamento dos seus calligraphos, longe darão logar ás preferencias, que a bella e regular estructura d'esta lingua tem mostrado. A sua forma de sons é completa e sonora. Cada letra se pronuncia de per si, e quem vence a palavra e escripta com pequeno esforço, torna-se escriptor e poeta. Póde considerar-se a lingua dos maiores pensadores e investigadores do nosso tempo; na sua expressão ha intimo sentimento e insuperavel firmeza. Bem e harmonicamente fallada sóa como um canto de orgão.

O allemão, que ouve pela primeira vez em paiz estrangeiro soar ao seu ouvido a sua lingua, conhece então quanto é de bella! O recio de muitos allemães, de que a escripta e variantes das linguas slavas por um sem numero de accentos póde concorrer para difficultar, ou impedir, a divulgação da lingua allemã, é completamente infundado. A de *Tomasius*, desejada e conseguida elevação da lingua allemã, a lingua de ensino nas universidades allemãs nos seculos passados, não teve infelizmente seguimento por muito tempo. Ao contrario sempre se asseverou, ou se defendeu, o logar da lingua grega, e *principalmente da latina nas universidades e em sociedade*. Quem não conhece o grego e o latino não póde, segundo as nossas actuaes noções, ser um grande sabio; e por isso tornam-se notaveis os grandes homens da Grecia e de Roma pela sua unica e propria lingua, cujo desenvolvimento e aperfeiçoamento lhes merece a sua especial attenção. Consequentemente, por grande reforma que eu ambitionasse fazer no sentido technico, não podia aspirar a uma reforma no modo de escrever nos tempos actuaes; isso, se bem que de interesse n'esta invenção, pertence ás universidades allemãs.

Estabelecido, como fica dito, o desmembramento da lingua n'um prodigioso numero de partes da palavra, augmentar-se-ha ainda pelas letras fundidas com espaços, e d'isto nasceu para mim a grande questão como havia de collocar todos estes signaes n'uma caixa de composição, por forma que fosse possivel alcançar as desejadas vantagens. A caixa está agora diante de vós, e eu entrego a sua construcção ao vosso competente julgamento, bem como a sua divisão ou disposição. Peço-vos que pronunciéis a vossa opinião, e

que façaes severa critica, pois que só depois de julgadas a fundo as presentes cousas se podem alcançar os seus completos aperfeiçoamentos. Eu sustento o inteiro objectivo do meu invento, mas considero conveniente transgír com o que, porventura, conduzir para a sua maior perfeição.

O material typographic, cuja exacta e applicavel transformação foi tida por uma *impossibilidade* n'outro tempo por habeis artistas, está agora na vossa presença. A fundição dos srs. Brendler & Marklowsky alcançou com isto um grande e duradouro merito, e não menos interesses. Especialmente o sr. Brendler esmerou-se em dar irreprehensivel execução, tanto ao desenho dos caracteres, como á sua fundição, sobre que peço tambem que pronunciéis a vossa judiciosa opinião.

O rigor e pureza não excedidos do presente material typographic garante-me seguramente a sua belleza e duração. Sim, eu espero que todo o material tenha, sobretudo, grande duração; porquanto por este systema de typo jamais se acharão cinco, seis letras em contínuo e pesado emprego, como até aqui, o que concorria para a sua prompta deterioração, e, consequentemente, da composição em que se empregar. Aqui estão estes typos mais communs, por exemplo: *e n r*, e assim por diante igualmente distribuidos, e por isso não é de maneira alguma imaginavel uma tão desigual deterioração como até aqui havia. Maior vantagem ha ainda n'este novissimo material typographic, que evita os frequentes defeitos de fundição, e permite que o compositor se sirva facilmente dos menos usados membros ou partes do typo, o que até hoje era impossivel. Assim evitará tambem para a impressão a mistura de typo novissimo com o já usado ou cansado, o que obrigava á perda de tempo na escolha.

Se eu tenho demonstrado que até ao presente se não apresentou ainda invenção alguma, pratica e applicavel como esta, corre-me o dever de repellir, guardado o devido respeito, todas as objecções que da parte de alguns dos meus collegas se têm levantado contra ella, sobretudo quando dizem que esta invenção só serve para prejudicar os interesses do compositor.

Antes de tudo declaro solemnemente, que com estas caixas de composição eu espero ganhar o meu proprio pão. Alem d'isso não vejo na mais rapida execução do trabalho o perigo da diminuição do mesmo. Isto foi confirmado pela introdução dos prelos mechanicos, das machinas de fundir, e tantas outras, cujos profucuos resultados são incontestaveis; e ainda assim houve, e infelizmente ha, quem não veja com bons olhos tão uteis instrumentos de trabalho!

Tambem se não deve prender de mim, que tome a iniciativa em se tratar da questão —deverás importantissima— Qual o futuro preço da composição? Como se podia, a exemplo d'isto, perguntar ao inventor da machina de costura—A como se havia de pagar ás pessoas que trabalhassem com a sua machina? Esta questão depende de um perfeito accordo entre o patrão e o operario. Eu sómente devo tratar da minha invenção, assegurando que possui todos os requisitos para conservar os interesses legitimos do artista intelligente e que se dedica ao trabalho. Basta-me ter a satisfação de saber que este

invento é geralmente aceito; que estas questões a proposito se tomam em consideração. O meu mais vivo e unico desejo é que d'elle advenham vantagens iguaes para o capital como para o trabalho.

A arte do compositor typographico jaz amarrada á pilastra do caminho do progresso. Possam, pois, os typographos ver no meu invento, não sómente um progresso relativamente á mais prompta execução da composição do typo, mas tambem um novo e civilisador meio de communicação, o qual é convenientissimo, a fim de cooperar para a divulgação do aperfeiçoamento e progresso da arte typographica!

Se eu com a minha invenção, e sob o vosso auxilio, concorrer para que a luz, a illustração e a sciencia sejam levadas até á mais humilde choupana, então sentir-me-hei exuberantemente recompensado de todas as minhas fadigas, e terei conquistado a maior gloria.

Deus saúde e proteja a arte e os seus discipulos!

(Continúa)

### O MEU JARDIM

Eram muitas: são só tres  
As flores do meu jardim!  
Tu te sorris, pois não crês  
Serem tão poucas assim?

Já não mostravas espanto  
Se tu soubesses, amor,  
Como o rescaldo do pranto  
Faz murchar a pobre flor.

Sumidas além no abysmo  
Nas azas da tempestade,  
Por milagre ao cataclysmo  
Só salvei esta trindade:

Amor-perfeito—esquecido,  
E tanto por mim guardado;  
Saudade—de te haver perdido,  
Martyrio—por ter-te amado.

E na urna dos meus amores  
Enterrando a flicidade,  
Plantei por cima as tres flores  
—Martyrio—amor—e saudade.

Já viste tristeza assim?  
Nem horto de eremiterio;  
Julgavas ver um jardim,  
Entraste n'um cemiterio.

HENRIQUE GUTMANN.

### NOTAS SOLTAS

Ha homens a quem a mandriçe melhor do que a razão, preserva da inconsciencia; vivem, não como querem mas como começaram a viver.

SENECA.

A arte inteira resume-se em duas palavras—manifestar, concentrando.

TAINÉ.

Parce que o destino de toda a verdade é assentar sobre as ruinas do erro.

LONGET.

A natureza é um mesmo phenomeno infinitamente diversificado.

DIDEROT.

Trabalhae dia e noite a adquirir experiencia; servir-vos-ha cedo ou tarde para ver as faltas... dos outros.

CHARLES NARBEEY.

### LIVROS NOVOS

Sonetos de Anthero de Quental

(Conclusão)

E estamos no segundo cyclo dos *Sonetos*, que abrange quatro annos, 1862 a 1866, periodo em que o poeta tem instantes tranquilos e descuidados, como provam o *Idyllo*, *Visita*, *Pequenna*, *Quinze annos*, etc.; mas que raro voltam a dar-lhe um fugidio esquecimento dos negrimes da existencia, porque o *Nocturno*, *Amaritudo*, *Voç do outomno* e tantos outros, são tristes, profundamente tristes, embora denunciem no poeta uma tristeza de outro genero, uma como que melancholia resignada é convencida...

Seria ocioso dizer que n'este periodo ha, alem dos que já citei, trechos de tal ordem, que se não fosse egoismo requintado e malevollo, quasi que deveriam bemdizer-se os gemidos do poeta, desde que lhe permittiriam que elle os emmoldurasse em tão soberbos e preciosissimos versos...; mas, a final, doe profundamente ver um tão grande espirito debater-se em taes afflicções e sentir tão fundas maguas, por isso se hão de ler sempre com uma religiosa commoção os sonetos *Mãe*, *Na capella*, *Mea culpa*, *Das Umbrære* (o indizível) e esse estranho e grandioso *Palacio da ventura*.

Sonho que sou um cavalleiro andante,  
Por desertos, por soas, por noite escura,  
Paladino do amor, busco anhelante  
O palacio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacillante,  
Quebrada a espada já, rota a armadura...  
E eis que subito o avisto, fulgurante  
Na sua pompa e acera formosura!

Com grandes golpes bato á porta e brado:  
Eu sou o Vagabundo, o Desherdado...  
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro com fragor...  
Mas dentro encontro só, cheio de dor,  
Silencio e escuridão—e nada mais!

No periodo que segue, 1864-1874, abre-se para o demolidor uma epocha de combate, onde ha notas do mais intenso brilho e de uma vibração quasi epica, como n'aquelles sonetos *These* e *antithese*, como na *Justitia Mater*, no *Dialogo* e, finalmente, como n'esse heroico e entusiastico *Hymno á Rasão*, de um colorido tão vivo e de uma altivez tão viril...

Seguem-se a estas, duas phases estranhas, por vezes tenebrosas á força de profundas, mas em que o pensador, germanado intimamente com o poeta, é por igual transcendente e grande, e em que ao lado dos mais desolados thenos da negação e da duvida e das mais pungentes manifestações do seu desalento e da sua incerteza ha nobres revoltas do pensamento, dignas affirmações da consciencia, tentando quebrar os moldes de ferro da fatalidade em que o poeta a quer enquadrar, e vindo ensangantada, mas liberta, trazer-nos á alma as eternas palavras de liberdade e de amor...

Estes dois ultimos cyclos que completam a individualidade litteraria e philosophica do poeta e que vão de 1874 a 1884, abrangendo o primeiro seis annos e o segundo quatro, são sob certos pontos de vista os mais grandiosos do livro, e são tambem aquelles em que mais vem reflectir-se os diversos modulos cerebraes de quem os escreveu, permitindo conhecer melhor o pensador e o artista e como synthese o homem.

O primeiro abre logo com um soneto que encerra em si uma floresta de idéas,—*Homo*, seguindo-se-lhe a *Disputa em familia*, a genial *Mors liberatrix*, *O Inconsciente*, *Mors-Amor*, *Divina Comedia* e entre muitos outros diamantes de uma riqueza e de um brilho e valor inestimaveis, aquelle transcendente *Convertido*, em que Anthero de Quental, sentindo o coração contricto, põe um sopro grandioso e inapagavel n'estes extraordinarios tercetos:

Erma, cheia de tedio e de quebranto,  
Rompendo os diques ao represado pranto  
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na fé o pensamento,  
E achei a paz na inercia e esquecimento...  
Só me falta saber se Deus existe!

que photographam por assim dizer uma das faces da sua alma, se especialmente combinarmos esse soneto com estes dois: *No turbilhão e Ignotus* que completam de certo modo o pensamento do auctor.

No ultimo cyclo são formosissimos os que se intitulam *Re-dempção, Com os mortos, Voç interior*, que tem este consolador final:

Só no meu coração, que soudo e meço  
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,  
Em segredo protesta e afirma o Bem!

a *Contemplanção, Lacrimæ rerum, Elogio da morte, e a Evolução*, que encerra em traços de mestre a historia natural da Humanidade, e, finalmente, essa divina e sentidissima harmonia de que já lhes fallei, *Na mão de Deus*.

De certo que não logrei eu dar-lhes uma idéa do superior volume de que vim occupando-me, e pondo mesmo de lado a cantada da incompetencia, que aliás poderia agora entoar muito a proposito e com justificada verdade, a razão mais ponderosa é que alguns dos sonetos de Anthero, por exemplo aquelle gracioso e suggestivo *Logos, o Nirvana* e tantos outros, mereciam por si sós um estudo muito mais extenso, e sobretudo muito mais profundo do que aquelle que eu aqui consagro a todos.

Para esse estudo, porém, é que eu me confesso deslocado e ignorante, com grande pesar meu, sendo, todavia, opinião minha que tambem nunca um tal trabalho poderia tratar-se nas columnas de um jornal, poisque exigiria um livro.

Infelizmente, entre nós vai muito abandonada a critica litteraria e scientifica, e aquelles a quem realmente impendia o dever de fazel-a, desviados para outros assumptos mais rendosos, só de corrida votam a este algemas horas, tanto mais que o mercado não favorece as tentativas de tal genero, porque se em Portugal poucos relativamente compram livros, pouquissimos compram então trabalhos de critica, dando em resultado não se animarem os que desejassem fazel-o a dar aos seus escriptos as dimensões de um livro, por sua natureza invendavel.

Isto explica passarem despercebidos ou quasi ignorados trabalhos por tantos titulos notaveis, como alguns que se têm publicado ultimamente em lingua portugueza, e que por honra da nossa litteratura mereciam ser apreciados e discutidos, porque,—digam o que quizerem os maldizentes,—não é n'este ponto tão secundario o nosso logar como elles pretendem inculcal-o, a nós e aos poucos estrangeiros que porventura nos leiam e nos estudem.

Com os *Sonetos* succede, portanto, este facto, dando em resultado que um livro que lá fóra suscitaria innumeras discussões e estudos, aqui atravessa silencio por entre alas de leitores que se não sabe se admiram ou se analysam, se impugnam, ou se approvam as palpitantes questões de que elle vem cheio, e tirante um ou outro que na sua passagem o deteve um momento, o pobre volume lá vae, mysterioso e calado, formar junto de outros com os que se passou o mesmo...

Ora, eis-ahi por que eu, que aliás não sou um critico, como os senhores bem sabem e repetidas vezes o tenho affirmado, mas pelas eventualidades do Destino me encontro na direcção de um jornal creado para mais ou menos dizer alguma coisa sobre o que vae pelo mundo, homens e livros, idéas, entendi que os *Sonetos* mereciam pelo menos ser saudados, já que por circumstancias involuntarias não possedem acaso ser comprehendidos e sentidos—como o auctor tinha direito que o fossem.

Quero, porém, acreditar que o sr. Anthero de Quental prefere ouvir dizer qualquer coisa da sua obra—embora esse qualquer coisa não tenha o minimo valor, como eu proprio não duvido confessar, do que assistir a este mutismo longo que em volta dos *Sonetos*, como de muitas outras cousas ás vezes se faz, mutismo, que tanto pôde ser o do extasmo como da hostilidade, o que talvez não seja bom, ou o da indifferença—o que é peor.

Felizmente que, em absoluto, elle não poderá dizer isto, porque não só encontrou para edital-o e critical-o um alto e consciante admirador, critico e artista elle mesmo, o sr. Oliveira Martins, mas viu uma senhora—a mais distincta do seu sexo entre nós, espazir sobre o seu admiravel livro os riquissimos e inextogáveis thesouros da sua intelligencia tão vibratil, tão fina e tão intuitiva...

Mais alguns terão vindo que eu não houvesse lido, e, finalmente, será permitido agora a um simples *minorista* trazer tambem a sua oblata,

Dito isto poderei, para terminar, expor a Anthero de Quental o que, em geral, penso dos seus *Sonetos*, não é verdade?

Autorisado de antemão, direi, pois, que, quanto a mim, os *Sonetos* são um livro soberbo e por vezes um livro perigoso.

Ha ali paginas de uma tão dolorosa e cruciante psychologia, que, obras primas perante a pura arte, são desconsolidadores gritos de derrota perante o conflicto da existencia.

Ha trechos que por si sós são mais demolidores de toda a illusão e de toda a esperanza de que o homem precisa para não sossobrar na vida, do que quantos desgostos o possam golpear e pungir.

Tanto mais perigosos porque escondem o veneno do desespero e da duvida que trazem, na mais bella e na mais crystallina agua, elles deliciaem-nos e embriagam-nos, mas ao mesmo tempo desiludem-nos e gelam-nos...

Ha, finalmente, affirmações tão decisivas e tão sombrias da nossa reconhecida e inevitavel fraqueza contra a fatalidade e contra o destino, uma convicção tão arreigada e tão insinuante de que só é verdadeira a Dor e uma chimera a Ventura, que o espirito desprevideno e ingenuo que accesseisse, como versiculos de uma Biblia infallivel, aquelles simples gemidos momentaneos de um desalentado—que a final crê e combate—era um espirito perdido.

Por felicidade serão poucos os que n'esse caso possam ler em condições de lhes fazer mal, este aliás soberbo livro, e esses mesmos, se tiverem uma hora de reflexão, convenço-me que sairão incolumes do perigo que atravessarem.

Isto em geral. Mas se englobarmos n'uma phase geral todas estas phases particulares; mas se por assim dizer d'essas diversas laminas interiores que photographaram os aspectos transitorios do espirito do poeta, fizermos as linhas individuais em que se dividem e se destacam todas as linhas individuais d'aquellas, mas se as reunirmos, se as harmonisarmos, se as entendermos, emfim, figura-se-me que n'esse caso o effecto resultante do livro não será sem consoldador e educativo, porque nós aprenderemos como é que um espirito pôde atravessar alguns dos mais perigosos e deprimentes limbos da sua existencia, saindo a final temperado e vigoroso para a lucta, e tendo-lhe servido essas amargas provações apenas para o esmaltecerem com o divino clarão da indulgencia, da commiseração e da piedade por todos os desequilibrios e por todos os sofrimentos.

Sob este ponto de vista, o livro de Anthero é, pois, duplamente precioso como documento e como exemplo, e mesmo quando o pensador mais descia ao negro poço insondavel da alma, mais luz trazia para a superficie.

Não vão chamar por isso philosophia obscura a esses versos. Elles são um desabafo, uma confidencia, uma revelação! Mas ha d'estes solemnes momentos para a nossa alma, meus amigos, ha d'estas horas em que cada um de nós deseja vivamente lançar no seio, ás vezes do primeiro que passa, alguma cousa da sua vida e do seu pensamento, como que a propria essencia do seu ser, e acodem-lhe ao espirito, n'um revolver estrondoso, milhares de phantasias incongruentes e desvaireadas, trechos de sonhos inconcebiveis e irrealisaveis, echos de aspirações mal definidas e de ancias mal sopenadas, que nos tornam o cerebro uma fornalha immensa e esbrazeada, onde parece crepitar a instantes a chamma devoradora do delirio e da loucura...

E isto a vida... um enorme, um profundo embate das illusões desfeitas de hoje com as chimeras enganadoras de amanhã...

Soffremos porque sonhámos, e sonhámos porque vivemos a forte vida intensiva da alma, em que cada pulsão tem o valor de uma eternidade. Depois, quando este oceano transbordada, quando já nem no coração nem na cabeça nos cabe esta immensa onda de idéas que se atropellam, de utopias que se amontoam, de esperanças e de decepções que se entrecrocçam, então o instante psychologico de desfagor perante um amigo ou simplesmente perante o "publico soou para nós como uma redempção e como um balsamo...

Ora são isto os *Sonetos*, a historia intima e dolorosa de um grande espirito em lucta consigo mesmo, mas conseguindo a final sair victorioso, segundo creio.

Como, porém, todas as dores têm a sua moral e a sua philosophia, quando na obra de Anthero não houvesse outras, bastavam estas para lhes assignarem um logar eminente na poesia contemporanea, e não só na portugueza mas na de todo o mundo que pensa e que escreve.

Quanto mais, que, em meu entender, estão ali n'aquellas cento e tantas paginas lançados os lineamentos de uma philo-

sophia, que certamente o auctor não deixará, dada a larga envergadura que se lhe conhece, ficar apenas nos traços, embora flexuosos e elegantes ao mesmo tempo que profundos dos seus sonetos, mas a que sem duvida procurará, como já o disse, dar tambem forma em prosa.

Como quer, porém, que succeda, a litteratura moderna é que já tem a enriquecer a mais um trabalho que é a affirmação da vitalidade intellectual de um paiz, e não todos os que temos soffrido algumas das lancetadas que retalharam o poeta, encontramos já quem soube crystallisar na palavra, dando-lhes os labores e os rendilhados de verdadeiros diamantes, e fazendo ao mesmo tempo das suas concepções scientificas, joias litterarias do mais alto preço, dos seus gemidos e dos seus gritos, imperciveis creações artisticas, sagradas para sempre pelo respeito dos crentes e pelas lagrimas de quantos ainda sobrem chorar.

AFONSO VARGAS.

## HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

Fez-se então um silencio e ella começou:

*Vorrei morir n'ella stagion dell' anno*

e quando terminava a phrase: *allora di morir avrò paura*, uma salva de palmas veiu cair-lhe aos pés, como um trophéu de victoria, enquanto algumas vozes pediam alto: outra, outra.

Cá dentro o pae era muito comprimido pela formosissima voz, pelo delicado estylo de canto de sua filha, e alguns, os mais íntimos, aconselharam-lhe até que a levasse lá fóra, porque uma garganta assim, devidamente educada, iria muito longe — affirmavam.

O pae, intimamente grato a esta onda de louvores que subia até elle, modestamente confessava que com effeito parecia que a pequena tinha geito; mesmo o Pontechi dissera que sim, que era uma linda voz, e elle tencionava na sua proxima viagem a Paris mostrar-lhe a algum mestre afamado; — mas — confessava — muito acanhada, muito acanhada; nem elle sabia como ella cantára; em estando defronte de muita gente era uma desgraça, até parecia que a voz se lhe fazia mais pequena; e então em casa era uma cantoria constante, andava sempre a trautejar.

D. Felicidade observára que era natural isto; questão de genio, mas com o tempo, passava-lhe de certo; estava ainda tão novinha, não admirava...

E como todos desejavam tornar a ouvil-a, a illustre cantora, como d'ali a dias lhe chamava o jornalista Ribeiro, cantou uma romança de Denza e um bello trecho que para ella escrevera expressamente, um professor distincto:

*Dimme perchè si a la campagna io sento,  
un suono, un canto tû me vienne in mente*

e que ella cantou deliciosamente, com o estylo largo de uma verdadeira artista. Novas palmas vieram corral-a, e todos disseram unanimes que uma tão bella voz não devia ter mostrado tantos receios, depois do que, a deixaram por fim descansar.

Coube então a vez a um homem, um amator conhecido, de executar no violino um trecho difficil, a que todos acharam uma execução magistral.

Ao acabar, começou o chá.

Quando este acabava de ser servido, alguém lembrou com prudencia — que não era bom ir logo,

logo dansar, poder-se-ia recitar alguma cousa. Estava justamente na sala o illustre recitador Anacleto da Rocha, citado na sociedade como um notavel especialista no assumpto. e se a sr.<sup>a</sup> D. Felicidade instasse, certamente que elle não se negaria...

— Nem precisa instar — dissera do lado o jornalista Ribeiro — porque a missão d'elle é tornar conhecida por casas particulares toda a legião dos poetas contemporaneos...

— E recita ao piano? Inquirira ansiosa a D. Bernardina, que ainda era do tempo em que vates illustres diziam as suas producções com acompanhamentos melodicos...

— Não, minha senhora, respondeu um admirador de Anacleto, o meu amigo é realista.

— Credo! realista? Um rapaz tão novo e seguir o partido do sr. D. Miguel, que deu umas cacetadas n'um creado do meu avô — só por não lhe ter tirado o chapéu a tempo — o pobre homem!

— Ah! mas não é realista d'esses, minha senhora, acudiu explicativo o amigo; é dos da litteratura.

— Não percebo, exclamou admirada a D. Bernardina — realista dos da litteratura, não percebo! Que vem isso a ser?

Então o amigo, sempre explicativo, abeirou-se mais e começou:

— Eu digo a v. ex.<sup>a</sup>, minha senhora. Realista em litteratura quer dizer o que escreve o real, o verdadeiro, o exacto.

— Ai, então deve ser muito sensabor, muito monotonico, retrucára D. Bernardina, com ar de enfado.

— Pelo contrario é... e o amigo de Anacleto ia a concluir a phrase, quando reparou que Anacleto começava.

Com effeito, este adiantára-se a meio da sala, levára a mão á testa, como quem concentra as idéas, e depois de uma breve pausa principiou:

— O trecho que vou ter a honra de dizer a v. ex.<sup>a</sup> é da *Morte de D. João*, do grande poeta e meu amigo Guerra Junqueiro. Intitula-se *A Babilonia*.

E principiou a dizer.

Quando concluiu todos gritaram: magistral, — o trecho e a maneira como foi dito.

E o amigo affirmou a algumas pessoas que haviam feito circulo:

— Nem o proprio auctor.

Depois, dirigindo-se a D. Felicidade lembrou:

— Peça-lhe v. ex.<sup>a</sup> que recite o *Fiel* tambem do mesmo, e vão ouvir o que são versos, e o que é recitar.

Anacleto, porém, protestára contra a ultima phrase do seu entusiasmado amigo. Chegava a comprometter-o com aquelles elogios constantes. A final, elle bem sabia que não recitava bem. Fazia por isso, fazia por isso, mas, d'ali a bom, ainda ia longe. Soberbo, inimitavel, era um amigo seu, estudante em Coimbra, que demais a mais tambem os fazia (os versos). Esse sim, tinha tudo: gesto, voz, olhar, — soberbo, soberbo, só ouvido.

— Mas o sr. Anacleto recita notavelmente affirmavam todos; e depois que memoria!

— Ah! lá isso tenho; memoria nem esse meu amigo me ganha, mas no resto não. Quem vossencias ouvir uns versos d'elle?

— Se queremos, gritaram em côro.

—Então, se me permittem, vou dizel-os.

E recitou um soneto feito a um commendador. Os versos não agradaram, porém, ás senhoras, e a D. Bernardina não perdeu a occasião de dizer ao Valerio, o amigo do Anacleto, que se conservára a seu ladotentan do explicar-lhe aos intervallos o que era realismo:

—Olhe se isso que disse o seu amigo pertence ao tal genero, é fresco, e fitou-o compassiva.

Mas o Valerio, sem desanimar, concordou de effectivamente elle fôra infeliz; pedissem-lhe, porém, o *Fiel*; e veriam, exclamava triumphante.

Então, como outras pessoas insistissem, Anacleto teve de recitar o *Fiel*, sendo mais feliz, porque em geral acharam—muito bonito e muito sentimental.

(Continúa)

### PERDIDA! . . .

Na luz esbranquiçada da janella  
avulta essa mulher de meigos traços,  
cujo dolente olhar, immerge, a espaços,  
na sombra, negra como a vida d'ella.

Durante a noute, o escol dos bohemios lassos  
cospe-lhe affrontas sujas de vieilla.  
E quanta vez a derradeira estrellla  
a vê dormir sobre o torpor dos braços. . .

Se a colhe o desalento, na memoria  
fulge-lhe a imagem, doce e merenchoria,  
do amor da Mãe—e infatigavel moura.

Oh dias calmos da Innocencia finda!  
Quanto ella dera, por beijar ainda  
do irmão mais novo a cabecinha loura! . . .

JOSE NEWTON.

### CHRONICAS PULGARES

#### NOTAS PARDAS

#### XII

Noticiaram em tempo, os jornaes que uma empresa de navegação mandára construir alguns vapores de recreio, destinados a desenvolver entre nós o gosto dos passeios fluviaes, já que a natureza nos presenteou com um tão bello e tão pittoresco rio.

Ignorando o que haja de verdade n'esse facto, aliás o mais sympathico e o mais susceptivel de tornar-se realisavel, eu começo desde já a fazer votos aos deuses para que elle se verifique, e prometto um barquinho de cera a Neptuno se tal se conseguir, e sobretudo, se o monarcha das aguas não engulir vapores, empresa e tudo.

Com franqueza, se o nosso capital, tirante honrosissimas excepções, não fosse em geral tão medroso, já de há muito que uma tal idea teria tido uma forma tangivel e pratica; mas infelizmente, sobretudo no caso sujeito, como elle é pesado e não sabe nadar, creio que receioi perder o pé e ir ao fundo—pele que não pensou n'isso.

E todavia a questão era precisamente de fundo, ou antes de fundos, mas isso não bastou, e naturalmente serão estrangeiros os fundadores da alludida empresa, como estrangeiro foi tambem o primeiro e unico homem que até hoje ainda se lembrou de sustentar carreiras regulares de vapores entre os dois unicos pontos para onde as ha.

Nós, povo de marinheiros e de embarcadiços, educados na contemplação constante do mar, embalados pelas suas ondas, sustentados com os seus productos n'uma proporção certamente maior que outros paizes; nós, que sempre que temos sido algum é ao mar que o devemos, nós consentimos que fosse um forasteiro que viesse ensinar-nos como é que alem de tudo que nos dá oceano elle nos poderia dar tambem dinheiro, e servir para mais alguma cousa do que para fazer figuras

de rhetorica. E o que é certo é que ainda temos de ser gratos a esse forasteiro, o velho Burnay, porque embora elle tambem por sua vez nos deva o que é, prestou-nos todavia um serviço que nenhum contreraneo se lembrou de prestar-nos; e se muito ganhou e tem ganho, tambem nos proporcionou a facilidade incomparavel de encurtar distancias—por preços ainda mais curtos.

E note-se que nunca este estrangeiro, que se aportunou, e que, se naturalmente adquiriu algumas das nossas bellas e in-substituiveis qualidades, tambem sem duvida contrahiu um ou outro dos nossos defeitos, se lembrou de explorar outras carreiras, como a convidar-nos que o fizesse qualquer de nós;—mas—abençoado desprendimento!—nem assim nos atrevemos.

Abençoado desprendimento, e, alem de tudo, abençoado medo, para elle especialmente.

Pois, meus senhores, não é porque o Tejo não nos estivesse convidando com toda a amabilidade de que um rio póde ser susceptivel a que o percorressemos em todas as direcções, a que tomassemos com elle conhecimento em todos os trajas, desde a classica camisola do banho até a casaca; menos ainda porque elle procedesse mal comosco: de modo algum, porque se ha rio que menos rasões de queixa tenha contra si este é um d'elles—pois que relativamente são poucos os desastres que elle tenha originado, e a não ser o recente e tragico naufragio do *Ville de Victoire* succedido mais em resultado das lamentaveis circumstancias em que se deu do que do rio em si, raras são as catastrophes que como essa viessem sobresaltar a população;—mas que querem? não nos chamou para lá o corpo, e parece que á força de tanto lhe termos apalrado as ondas em tempos que já lá vão, ficámos cansados e aborrecidos precisando de repouso. . .

Seja como for, o que é verdade é que a unica empresa regular de vapores até hoje tem sido a do bom Burnay, e naturalmente continuará a ser, pelo menos enquanto os da projectada empresa não chegarem—se chegarem.

No emtanto, como seria bello nas formosissimas noites e nas encantadoras tardes de verão, e ainda n'esses inequalissimos dias do outono, ver embalando-se mansamente no dorso d'este estuario esplendido uma alegre esquadriha de pequenos barcos, coalhados de ranchos descuidosos, sabendo rir, sabendo cantar, sabendo divertir-se.

Como seria pittoresco, como seria artistico, e, finalmente, como seria profundamente hygienico e altamente moralizador até, este espectáculo unico de uma população que se desdentasse das agruras da existencia entre essas duas cousas verdadeiramente immaculadas e grandiosas:—a immensidade do mar e a immensidade do céu!

Os senhores estão a rir-se, e chamam-me ingenuo se não me chamarem alguma cousa peor; mas, querem saber? Eu gosto da minha ingenuidade, e prefiro-a até—desmesurado orgulho do homem—ao bom senso critico de muitos *práticos*.

De forma que na questão presente, lendo por exemplo essa noticia, eu que amo sinceramente, vivamente, o meu burgo natal, phantasiei logo que se podia abrir um manancial riquissimo para a educação esthetica, para a educação moral, para a educação civica até, d'esta população que quasi não sabe rir senão nos touros, que, entre parenthesis, eu detesto, que não sabe ver e amar a natureza senão nas hortas, que, finalmente, não tem nenhuma escola accessivel e bella de desenvolver as qualidades do coração e as qualidades do espirito que devem ornar um ente humano.

E como me parecece que, alem do lado puramente lucrativo e util d'essa excellente idea, havia o seu lado poetico, o seu lado artistico, o seu lado *agradavel*, deixei-me prender, leitora, por esses tentadores aspectos, sem pensar que te estava furtando o tempo, no que reparo agora, pelo que me calo já, não sem, comtudo, desejar de novo que taes vapores venham.

RJ-MAL.

### EXPEDIENTE

Por se ter fendido a gravura que devia sair n'este numero e para não demorar mais a publicação d'elle, já que motivos sempre independentes da nossa vontade o têm feito atrazar, resolvemos publical-o sem ella, esperando que os nossos ex.<sup>mos</sup> assignantes nos queiram relevar mais esta falta.